

Evolução da produção e do rendimento em uma Associação de Reciclagem de lixo de Jaboticabal-SP

Rochele V. Nogueira^{1*}, Gustavo B. Ferrari², Lívia M. Brumatti³, Alyne S. M.G. Capellette⁴.

*Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal – UNESP, Campus de Jaboticaba, Jaboticabal-SP.
rochele.nogueira@gmail.com.*

Resumo

O trabalho apresenta um estudo sobre as possíveis causas da oscilação da produção e do rendimento em uma Associação de Reciclagem de Lixo, com princípios de economia solidária. Utilizou-se como instrumentos de análise entrevistas e documentos da Associação. Constatou-se grande influência de fatores econômicos como a recente crise mundial; fatores psicológicos que são acentuados com a insegurança mercadológica; e fatores como o auxílio externo privado e público que refletiram no aumento do número de trabalhadores e na quantidade de materiais recicláveis. A conciliação e a harmonia entre os fatores supracitados seriam de total importância para obter crescimento constante e gradual, o que permitiria organização interna e, portanto, maior produtividade na triagem, diminuindo a quantidade de material destinado às células do aterro sanitário do município, bem como aumento da geração de renda.

Palavras-chave: Economia Solidária; Produção; Trabalhador.

1 Introdução

A realidade laboral brasileira, nos anos de 1990, passa por um processo de transformação, segundo Antunes e Alves (2004), principalmente como consequência da ruptura com a política de “Welfare State” e da adoção do ideário Neoliberal. Esta relação dialética a qual tem como tese um Estado socialmente ativo decadente, como antítese uma política neoliberal que propõe a livre concorrência como algo essencial à sociedade, possui como síntese o estímulo e o desenvolvimento do Terceiro Setor e, por conseguinte, de Empreendimentos de Economia Solidária (EES). Estes empreendimentos propõem a mutação das relações entre capital e trabalho, na tentativa de desconcentrar a propriedade e a renda, e possibilitar alternativas de minimização do desemprego estrutural, ao suprir as demandas sociais não atendidas pelo Estado. Além disso, como afirma Singer (2004), os EES são auto-gestionários, já que são geridos pelo grupo, formado por trabalhadores que participam das decisões por meio do voto e produzem mercadorias com o intuito de gerar renda e não como meio para obtenção dos lucros.

Noda, Leite e Salamoni (2009, p. 5), entendem o EES como empreendimentos

[...] informais e formais, caracterizados pela autogestão e pela socialização dos meios de produção e distribuição, onde não há separação entre capital e trabalho, se diferenciando desse modo na sua forma organizacional. Os próprios trabalhadores são os proprietários e administradores da empresa que é gerida de forma democrática e participativa.

Ao mesmo tempo, as preocupações prementes quanto ao meio ambiente e sustentabilidade trazem uma nova discussão e tratamento quanto às condutas frente ao consumo e à produção. Nesse contexto, o lixo passa a ser tratado como uma mercadoria disputada e cuja negociação gera renda.

Assim, essa nova forma de tratar o lixo e os problemas econômicos e sociais acentuados a partir da década de 1990 favorecem a alternativa, para aqueles trabalhadores que não estão inseridos em uma atividade formal e que apresentam uma organicidade, da coleta e triagem do lixo como meio de geração de renda através de organizações da sociedade civil, como a Associação de Reciclagem de Jaboticabal - ARJ. Esta associação é caracterizada como um EES, pois está sustentada na autogestão e no desenvolvimento humano. E utiliza o material reciclável, proveniente do lixo do município de Jaboticabal – SP, como meio de geração de renda e inclusão social.

A ARJ apresenta, desde o seu surgimento, inconstâncias quanto à sua pessoa jurídica e também quanto ao número de trabalhadores associados, à produção e ao rendimento. Em parte, esta inconstância está relacionada à proximidade e, portanto, à falta da definição de um limite para a atuação e influência do poder público municipal. Ao longo do ano de 2008, no entanto, identificou-se uma oscilação mais acentuada na produção e no rendimento da ARJ.

Dessa forma, o trabalho tem como objetivo a análise da variação do rendimento do associado no período de um ano, identificando as causas da oscilação da quantidade produzida e do preço dos materiais recicláveis, o impacto dos gastos e a variação no número de trabalhadores na Associação de Reciclagem de Jaboticabal-SP.

2 Metodologia

A pesquisa procurou entender o funcionamento da Associação como um EES e sua atuação em uma cadeia de produção, em que os demais elos não seguem os mesmos princípios. Para isso, fez-se entrevistas com uma representante da ARJ e com a principal empresa demandante de material reciclado; utilizou-se documentos, taras e recibos referentes às movimentações financeiras e atas das reuniões semanais realizadas pelo grupo para obter as informações da produção, do preço, dos gastos e do número de trabalhadores. Os dados obtidos com os documentos apontam as oscilações ocorridas e as causas, que também são explicadas pelas entrevistas.

Para o estudo considerou-se:

- Na produção, a quantidade total produzida por mês e aqueles produtos (arquivo, sucata, papelão) de maior representatividade para a produção da ARJ.
- Nos gastos, os recibos de compras do período. Estes foram tratados de forma agregada, especificando apenas aqueles gastos que se destacaram.
- No preço dos materiais reciclados, apenas o preço daqueles produtos que são vendidos em todos os meses do ano. Os demais foram desconsiderados por sua pouca representatividade no rendimento.
- Para a obtenção do rendimento por trabalhador, o levantamento mensal do número de trabalhadores, através dos registros e da receita líquida mensal. Ressaltando que a receita líquida é resultado da diferença entre a receita bruta (quantidade vendida e preço do material reciclado) e os gastos.

É importante ressaltar que a análise compreende o período entre março de 2008 e março de 2009. No entanto, os dados do mês de fevereiro não foram considerados, por estarem incompletos.

Além disso, para o embasamento teórico desta pesquisa foram utilizados textos de Singer (2004), para fundamentar a explanação sobre economia solidária; de Parreira (2007), para o

entendimento desses empreendimentos e das cadeias produtivas; e de Antunes e Alves (2004), para a conjuntura do trabalho a partir da década de 90.

3 Resultados

3.1 Produção

A ARJ apresentou ao longo do período estudado grande variação da produção que está relacionada principalmente aos auxílios externos. O poder público e as vezes o setor privado, em parceria com o setor público, aumentam o envio de lixo à associação, bem como o número de trabalhadores.

Dessa forma, como pode ser identificado no Gráfico 1, há uma grande oscilação na produção no período estudado, sendo os meses de março e maio de 2008 e janeiro e fevereiro de 2009 como aqueles de maior produção, ressaltando que a partir de setembro há uma tendência de crescimento. O aumento da produção nos meses de maio e de agosto, este último apresentado pouca variação, foi consequência da entrada de novos trabalhadores e de uma quantidade maior de lixo destinada à Associação. No mês de outubro de 2008 houve um relativo aumento do número de associados e, em janeiro de 2009, a alteração da quantidade produzida foi em resposta ao aumento do volume de lixo, decorrente das festividades de final de ano.

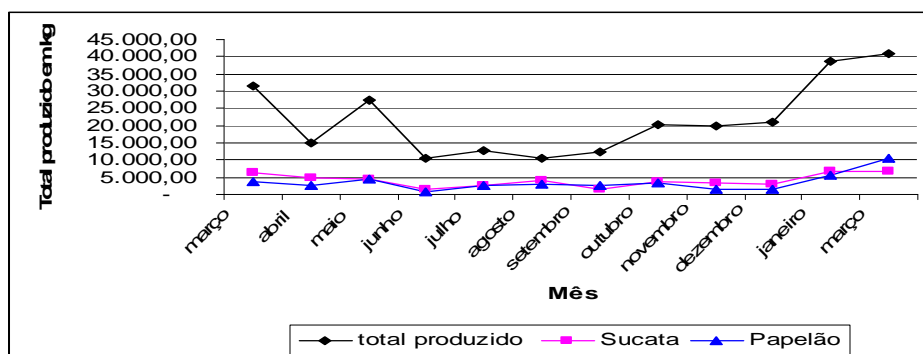


Gráfico 1: Quantidade total produzida por mês e de alguns materiais representativos

De uma maneira geral, houve um aumento da produção e, portanto, das vendas (entradas) no mês de abril e maio de 2008 em razão de auxílio recebido de uma empresa privada, em parceria com o poder público, que colocou seus trabalhadores, aumentando o número de mão-de-obra na triagem, bem como pelo envio de lixo de outro município da região para a ARJ; em julho e agosto, a prefeitura municipal, objetivando aumentar a produção e produtividade da Associação, destinou a ela uma frente de trabalho, que resultou em pequeno aumento na quantidade produzida, mesmo com o aumento do número de trabalhadores; a partir do mês de novembro houve um aumento do número de associados, como será verificado na Gráfico 4, e em março de 2009, houve, novamente, a entrada de uma frente de trabalho para ajudar na reciclagem do lixo, que impactou positivamente na produção.

Os períodos com baixa produção são explicados pela quebra das máquinas e do trator, ocasionando a paralisação da produção.

3.2 Gastos

A presença dessas influências negativas são observadas quando as despesas aumentam consideravelmente. Isso remete à necessidade de identificar quais são os itens que representam o maior gasto e a razão de sua efetividade. Na entrevista e nos documentos da

ARJ, foi possível identificar como principais causadores das oscilações das despesas a manutenção de máquinas e trator. Estes gastos se intensificam logo após os períodos de crescimento da produção, pontuados anteriormente. Mais especificamente, naqueles em que houve os auxílios externos, já que se observou o uso excessivo desses maquinários que não possuem capacidade suficiente para esse volume elevado de processamento e/ou pelo seu desgaste (depreciação).

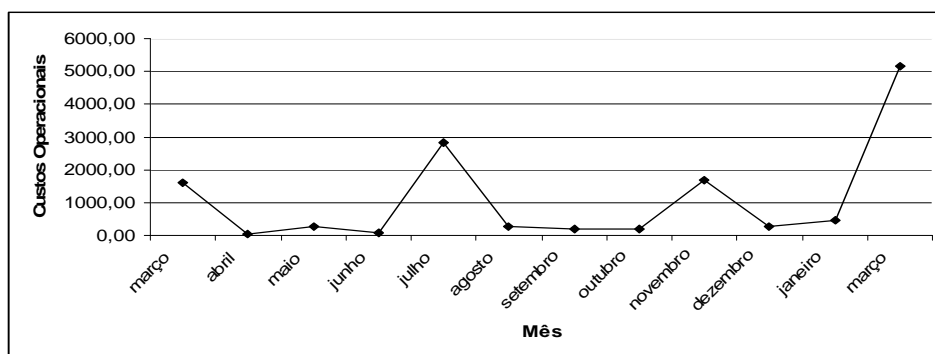


Gráfico 2 – Quantidade total de gastos por mês

3.3 Preço

A influência significativa da queda dos preços dos materiais recicláveis, a qual se observou com mais intensidade no segundo semestre do ano de 2008, pode ser explicada pela crise econômica mundial, ao impactar no mercado de materiais reciclados. No caso da ARJ, este impacto pode ser verificado com a redução do preço dos principais produtos comercializados pela associação (Tabela 1), decorrente da diminuição do volume demandado na cadeia de material reciclado, o que resultou em um desequilíbrio entre a demanda e a oferta.

Tabela 1 – Tabela da variação dos preços dos produtos

Item	Preço Máx.	Preço Mín.	Variação do Preço
Arquivo	0,10	0,02	80%
Bisnaga	0,80	0,55	31%
Papel branco	0,35	0,25	28%
Papelão	0,27	0,08	70%
Plástico duro	0,75	0,40	46%
Plástico fino	0,93	0,30	67%
Pet Óleo	1,05	0,60	43%
PVC	0,50	0,40	20%
Sucata	0,33	0,08	75%
Tetra Pak	0,15	0,08	46%
Vidro	0,05	0,05	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A redução da compra de reciclados se deve, segundo entrevista com empresa compradora de material reciclado (intermediário), à diminuição das exportações e, conseqüentemente, do fluxo de compra desses materiais pelas empresas a jusante na cadeia de produção, provocando ciclo decrescente em toda a cadeia produtiva a montante. Porém, esse é o apontamento feito por apenas um integrante da cadeia produtiva, podendo ser utilizada como uma das possíveis explicações.

Ao se considerar esta explicação, pode-se verificar que há grande estoque de material reciclado, decorrente da pouca venda e também de um relativo aumento da oferta (aumento da coleta seletiva em alguns municípios) o que pode ocasionar prejuízos na qualidade do produto, bem como o aumento do envio desses materiais para as células dos aterros sanitários. Este envio ocorre, principalmente, quando a empresa não apresenta capacidade de armazenamento ou os preços pelos materiais não compensam o custo da atividade.

3.4 Receita bruta

A grande oscilação do rendimento bruto afeta de maneira intensa a vida dos trabalhadores, pois o lixo é a única ou a principal fonte de renda dos associados e quanto menor for a receita, menor é a parte da divisão destinada para os associados. Isto é verificado, mesmo com o aumento da quantidade da produção no início de 2009, Gráfico 1 e 3.

Portanto, evidencia-se uma situação de insegurança em relação à receita do próximo mês, por causa da oscilação da produção, do volume negociado e do preço. No quarto trimestre de 2008, quando produtos, como a sucata, apresentaram queda de 75%, Tabela 1, acentua-se a insegurança para os próximos meses.

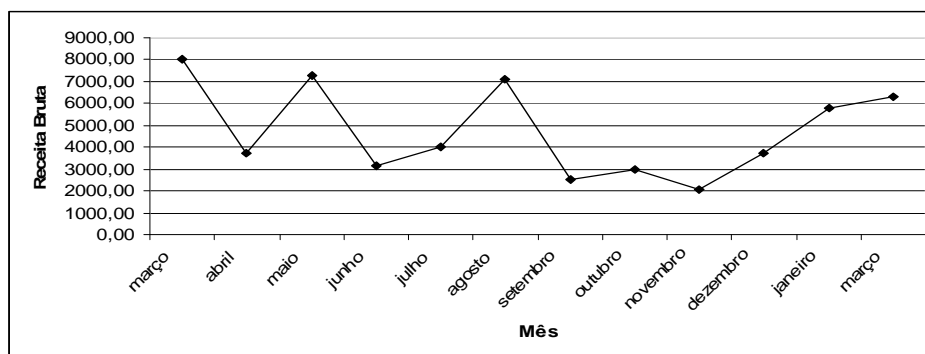


Gráfico 3 – Variação da receita bruta

Mesmo com o descompasso entre demanda e oferta de material reciclado, aumento do estoque e, conseqüente, queda do preço do material, observou-se a continuidade da comercialização entre a ARJ e a empresa intermediária. No caso da Associação há a continuidade das atividades, devido à necessidade da geração de renda, mesmo que prejudicada pela queda dos preços, e ao prejuízo às células do aterro sanitário, caso seja interrompido o processo de triagem e de venda do material reciclado. Somado a estes fatores a Associação e a empresa intermediária identificam a necessidade de manter a relação de parceira e fidelidade. Esta dependência é mais representativa para a Associação pois há uma relação monopsonica, em que a empresa intermediária não é só a principal, mas a única compradora. Parreira (2007) identifica que a falta de coordenação entre os produtores e as indústrias permitem o surgimento de intermediários. Nos primeiros projetos da cadeia produtiva do caju no Ceará, no Piauí e no Rio Grande do Norte, verificou-se que

[...] a forte presença de intermediários no processo de comercialização da castanha é reflexo da falta de organização dos produtores e da falta de coordenação entre esses e as indústrias [...]. Isto faz com que haja uma dependência dos intermediários (PARREIRA, 2007, p. 74).

3.5 Receita líquida

Para a obtenção da receita líquida subtraiu-se da receita bruta (entradas provenientes das vendas dos materiais de reciclagem) o valor relativo às despesas (saídas decorrentes dos gastos com maquinário e tratores, dentre outros fatores), utilizando como base os dados dos Gráficos 2 e 3. Vale ressaltar que os meses em que há os picos de receita líquida coincidem

com o aumento da produção, períodos em que houve auxílio público ou privado, proporcionando à ARJ um resultado positivo, mesmo com as reduções dos preços.

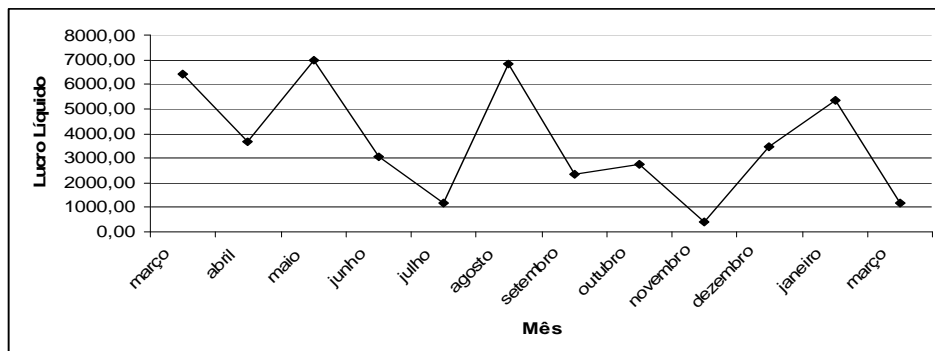


Gráfico 4 – Variação da receita líquida

Os meses em que há as maiores quedas na receita líquida são os de julho, novembro e março que coincidem com os meses em que há os maiores gastos realizados pela ARJ, coincidindo com os meses posteriores aos auxílio externos.

3.6 Variação do número de associados

Além da variação da receita bruta, há também uma oscilação do número de associados, que gera uma instabilidade quanto à permanência e à entrada de novos membros. A entrada não é resultado de um desejo, mas sim da falta de opção. Esta situação acarreta na diminuição do tempo de permanência dos associados, que está atrelado ao tempo necessário para encontrar uma outra alternativa de geração de renda. Assim, é possível compreender que há falta de coesão no grupo, exceto entre aqueles membros que estão na Associação a um tempo maior e que, portanto, empoderam o processo produtivo e de gestão. Os novos membros demoram para compreender todos os processos e o histórico da Associação, assim como o funcionamento de um Empreendimento de Economia Solidária. Há uma dificuldade em romper com a lógica trabalhador e empregador, capital e lucro.

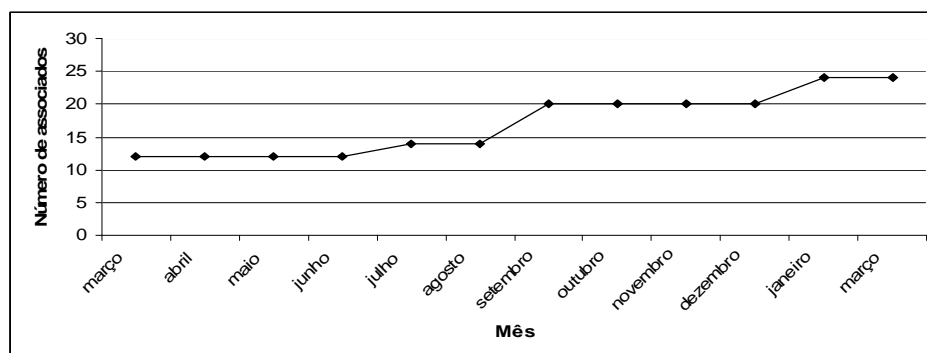


Gráfico 5 – Variação do número de associados por mês

É importante ressaltar que parte dessa instabilidade se deve aos auxílios externos, já retratados, pois inserem trabalhadores na Associação, que muitas vezes não estão vinculados à ela e nem à lógica dos EES.

3.7 Rendimento dos associados

Com os dados da receita líquida (Gráfico 4) e do número de associados (Gráfico 5), pode-se chegar à realidade da renda dos trabalhadores, expressa no Gráfico 6, no qual percebe-se uma

grande variação do rendimento. No mês de maio obteve-se a maior renda do período, de R\$ 583,04, e no mês de novembro, em contrapartida, receberam a menor renda, de R\$19,22.

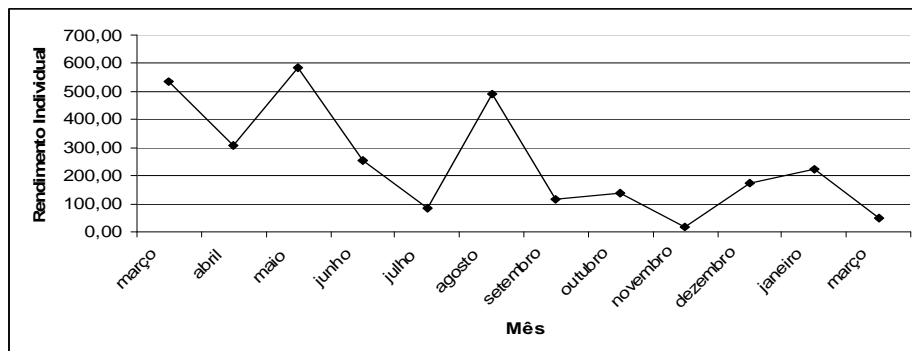


Gráfico 6: Rendimento por associado

Esta instabilidade afeta diretamente a vida dos associados pois este trabalho é o único meio de sobrevivência destes, e também, porque estas inseguranças levam a uma busca, pelos associados, de trabalho melhor, provocando assim, baixa permanência e ampliando a insegurança daqueles que permanecem.

4 Considerações Finais

Através dos dados coletados, foi possível identificar a variação na produção de maneira positiva com a obtenção de auxílios externos, tanto públicos, quanto privados, no que se refere à maior oferta de lixo e de mão-de-obra. Entretanto, foram observadas variações negativas, por decorrência de despesas com máquinas e trator que se intensificaram nos períodos posteriores a esses auxílios.

Outro fator analisado foi uma significativa queda nos preços dos materiais recicláveis no segundo semestre do ano de 2008, por decorrência da crise econômica mundial. Com esse acontecimento, as indústrias diminuíram suas exportações e, por conseguinte, suas demandas por esses materiais, provocando a redução do preço dos mesmos.

Estes fatores resultam na insegurança para a ARJ e de seus associados, pois não permitem uma previsão de quanto será o volume de produção, o número de associados e o valor da receita para o próximo mês. Impossibilita à Associação e aos associados realizarem planos, pois não conseguem receber ao longo de um ano uma renda estável que permita a sobrevivência dos associados e investimentos em melhorias na produção. A insegurança, portanto, vem contribuindo negativamente para a variação no número de trabalhadores, para a organização e o crescimento da Associação e para a obtenção dos objetivos de um Empreendimento em Economia Solidária.

5 Agradecimentos

Às nossas professoras e orientadoras Ana Claudia Borges Giannini e Ana Paula Leivar Brancaleoni

6 Referências Bibliográficas

ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. Educ. Soc., Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

NODA, C.; LEITE, R.; SALAMONI R. Grupo de Cerâmica Maria Aparecida Pedrossian – Um Empreendimento de Economia Solidária? *Revista Poli Usp*, v. 4, p. 178-187, 2009.

PARREIRA, L. F., 2007. *Negócios solidários em cadeias produtivas: protagonismo coletivo e desenvolvimento sustentável*. 1a ed. Rio de Janeiro: IPEA: ANPEC: Fundação Banco do Brasil.

SINGER, P. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. *Estudos avançados* v.18, n.51, p.7-22 2004

SINGER, P. As grandes questões do trabalho no Brasil e a economia solidária. *Revista Proposta*, n97, junho/agosto 2003.